



Hospitalidade e a história da Hotelaria paulista (1850-1950)

Airton José Cavenaghi

PPG em Hospitalidade (UAM-SP)

airton.cavenaghi@ulife.com.br

RESUMO

A história da Hotelaria paulista ainda é muito pouco explorada e analisada e isso contribui para a ausência de dados históricos mais significativos sobre ela. Entende-se como “mais significativos”, elementos que compreendam essas historicidades para além de um processo histórico memorialista, no qual estes fatos são narrados de forma cronológica, negligenciando-se a continuidade de processos culturais formativos. A transformação da capital de São Paulo, em centro do capital econômico do país, após o advento da cultura cafeeira, vincula-se principalmente com as transformações urbanas necessárias a capitalizar o espaço urbano. A partir dos meios de hospedagem, novos cidadãos se estabelecem nos centros urbanos, ou mesmo viajantes são direcionados aos usos e costumes de uma determinada localidade. Neste aspecto, esse artigo se propõe, também, a pensar a hospitalidade com o ato do encontro entre pessoas, no seu acolhimento da dualidade “anfitrião” e “hóspede”, além de instrumento de competitividade entre empresas. Na análise da história dos meios de hospedagem encontramos possibilidade de compreender essa forma de capitalização da sociedade brasileira no período, que passa de um modelo escravista de gestão, para outro que cria possibilidades sociais por meio do aparecimento dos setores de serviços.

Palavras-Chave: Hospitalidade. História. Hotel.

Introdução

A história da hotelaria paulista ainda é carente de interpretações sócio-históricas. As análises existentes contemplam situações administrativas e de gestão, que apesar de serem iniciativas importantes de análises, não abordam razões históricas para o aparecimento do empreendimento, como também não o compreendem como uma organização vinculada diretamente aos fatores externos que refletem condições históricas e socioculturais

daquele momento. As percepções do empreendimento a partir apenas de razões gerenciais refletem condições de entendimento da organização, mas negligenciam a história cotidiana das pessoas que a gerenciam. Claro que situações técnicas externas, alavancam mudanças na estruturação destas mesmas organizações. Este fato já era perceptível nos EUA desde a primeira metade do século XX, ou seja: The history of the U.S. hotel industry before 1939 was one of boom and bust- expansion with the railroads in the 19th century, growth with the prosperity of the 1920s, and near collapse in the 1930s. (Brown; Lefever, 1989, p.18).

Brown e Lefever (1989) buscam nestas razões técnicas externas, demonstrar que a “evolução” tecnológica, amparada na ferrovia como um fator de proliferação de negócios hoteleiros no EUA, desde a segunda metade do século XIX. Esta análise também acompanha falas de pesquisadores brasileiros tais como Siqueira (2012, p.344) “[...] que buscamos comparar o valor e a dimensão desses estabelecimentos de hospedagem, bem como, quando possível, o que havia no seu interior em termos de equipamentos e instalações”. Ou mesmo a argumentação de Walton (2004) que diz que as estalagens para paradas de carruagem só sobreviveram até a metade do século XIX na Inglaterra, perdendo significados após a chegada do trem. Mesmo na perspectiva de análise social proposta por Walton, não podemos falar de “rupturas de funções” e sim transformações com novos usos e significados. Aqui se percebe apenas a valorização e a estruturação do estabelecimento comercial amparado por apenas, noções econômicas de sua existência, ou seja, aspectos de sua tecnicidade.

Nas análises sobre a história da hotelaria brasileira, esse tem sido o fio condutor das interpretações estabelecidas, ou seja, uma lógica capitalista de consumo e distribuição de riquezas. Estas interpretações também se amparam na reprodução de modelos externos ao país, colocando-os como matrizes formadoras da experiência hoteleira brasileira. Em um país que praticamente não permitia a presença e hospedagem de estrangeiros antes da abertura dos portos em 1808, desta forma esta interpretação apresentada pelos autores comentados, é por si só bastante simplista ao não considerar valores locais estabelecidos.

Nota-se que não se negligenciam estas análises, mas pretende-se acrescentar que o setor hoteleiro no território paulista e em especial nesta etapa da pesquisa que está sendo realizada, a cidade de São Paulo a partir da segunda metade do século XIX, obedece a uma lógica associada a um fenômeno próprio do país, estruturado economicamente e culturalmente no uso do trabalho escravo.

Questiona-se neste momento da pesquisa, quando o uso do trabalho assalariado criou mecanismos reais de aceitação do estabelecimento hoteleiro como um “porto seguro” a ideia de ser um hóspede em território brasileiro? Pois “ser hóspede”, na ideia hoje amplamente aceita, também é uma representação deste mesmo século XIX que se amparou na ideia da chamada segunda etapa da Revolução Industrial?

Metodologia

Esta é uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório. Para atingir satisfatoriamente os objetivos propostos será utilizada a pesquisa exploratória/descritiva. Exploratória pois proporciona maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito. Descritiva pois procura por características de determinado fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis (Gil, 2008). Como estrutura central do ferramental metodológico, foi utilizada a historiografia em seus modelos de análises documental e iconográfico.

Para compreender aspectos do desenvolvimento da história da hotelaria paulista, buscou-se, neste primeiro momento, utilizar-se do mecanismo de coleta documental em acervos específicos e de circulação no período em questão, pela influência de sua abrangência geográfica. O jornal “O Estado de São Paulo”, antiga “Provincia de São Paulo”, circulava na capital e interior do território paulista desde 1875. Por tratar-se de um período de ausência de testemunhas vivas, a coleta em acervos documentais mostra-se mais eficiente neste estágio de desenvolvimento da pesquisa.

Resultados e Discussões

No processo de análise da documentação encontrada nestes repositórios analisados, observou-se que com o uso do trabalho escravo e a comercialização deste tipo de mão-de-obra, formavam-se verdadeiras fortunas e ao contrário que normalmente se pensa, não era o uso do trabalhador escravo que gerava lucro, mas principalmente sua comercialização. Na cidade de São Paulo, entre outras importantes capitais do país, tais como Recife e a própria Corte na cidade do Rio de Janeiro, o uso dos chamados escravos alugados ou ‘escravos de ganho’, era uma prática comum. Grandes fortunas foram feitas no comércio escravagista e a resistência ao seu fim, amparava-se entre outros fatores na lucratividade do capital empregado para a sua existência.

Desta forma, o setor de serviços no Brasil era inteiramente vinculado ao uso do trabalho escravo e a sua não especialização. Não se observou no país uma evolução natural do trabalho braçal, conforme observado em lugares nos quais a escravidão, como opção de seu uso na prestação de serviços, tinha sido abandonada desde o final da Antiguidade. Nestes lugares, observou-se uma transição gradativa para o trabalho assalariado, possibilitando a criação de especializações no setor de serviços que com o passar do tempo, facilitaram a transmissão de um saber específico para cada setor, criando padrões e protocolos específicos, que constantemente eram modificados segundo as novas possibilidades apresentadas, inclusive, por um nascente mercado de consumo. A urbanização e a industrialização na Europa a partir do final do século XVIII, também é fruto desta transferência de capitais e criação de um mercado de consumo internos em cada um destes países.

Não se pode negar que a manutenção da escravidão nas antigas colônias da América, como no caso brasileiro até a segunda metade do século XIX, serviu de um importante

negócio de acumulação de capitais para empresários europeus, principalmente enquanto formava-se um crescente mercado de consumo internos nestes mesmos países.

Neste panorama global, os EUA eram destoantes da realidade em vigor. Eram escravistas, mas também republicanos, ou seja, o liberalismo econômico existente era separado dos negócios de Estado. A especialização da mão-de-obra no setor de serviços realizou-se concomitantemente a presença da escravidão. A área mais a leste do país, as chamadas antigas “Treze Colônias”, libertas da dominação inglesa pela Revolução Americana de 1776, desenvolvia uma urbanização crescente, reduzindo a taxa de analfabetismo e possibilitando a existência de comércios independentes, associados a um grande investimento em infraestrutura. A especialização da mão-de-obra era decorrente de um modelo socioeconômico e político com participação dos membros da sociedade local. Este fato é percebido, por exemplo, na obra de Roberts (1827), *The House Servant's Directory* (...), publicada em Boston, cidade presente em uma das antigas “Treze colônias”, que embora tenha sido escravo, organizou e padronizou regras de comportamento da mão-de-obra no setor de serviços, mostrando, com este exemplo, que uma possível especialização convivia com a escravidão no setor de serviços locais. Não que este fato fosse uma regra geral, ao contrário, as “Plantations” de algodão e tabaco dos EUA eram administradas de forma semelhante as “Plantations” de cana-de-açúcar e café no Brasil, e em ambas o trato com a mão-de-obra escrava seguia o modelo tradicional historicamente conhecido. Independente deste fato, o que se discute aqui é que o processo de urbanização nos EUA, possibilitou o aparecimento de um modelo de sistematização e desenvolvimento do setor de serviços locais.

Conclusões

O uso de mão de obra escrava na formação do setor de serviços no Brasil e no caso deste artigo, no setor hoteleiro, mostra que para este segmento não foi diferente de outros setores econômicos no país. Notou-se que o domínio doméstico se confunde com os domínios comercial ou privado, que ao reproduzir valores do primeiro, impediu especializações e padronizações de serviços dos dois últimos. Houve uma constante perda do potencial humano motivador de transformações socioculturais que geram melhorias e redistribuição de capital.

No caso específico do uso da mão-de-obra escrava, encontramos a concentração de capital em uma única pessoa no caso o proprietário. Esta forma de errônea de percepção da riqueza ajudou a criar atraso de gestão administrativa e de pessoal no Brasil que se refletem até os dias contemporâneos.

A hotelaria paulista seguiu o modelo de concentração em áreas de circulação de pessoas e de capitais, próximas ao Centro Velho em um primeiro momento e posteriormente associada a presença da ferrovia após 1867. O que se notou também, foi essa dificuldade de se perceber uma das funções principais do hotel: a criação do anonimato ao seu hóspede. Neste caso a exposição pública dos hóspedes em artigos de jornais de significativa circulação, demonstram claramente esta ideia. Outra questão importante é perceber o estabelecimento hoteleiro com centralizador de outros negócios não

vinculados a sua atividade principal. Não só visitantes como também residentes, utilizavam-se do estabelecimento para fins comerciais paralelos, demonstrando que questões públicas e privadas estavam muito próximas e pouco distintas. A cidade estava ainda construindo elementos de urbanidade e os aspectos associados ao ambiente rural; isolamento e patriarcalismo; eram mais expressivos que a realidade urbana no qual a diversidade comercial e o anonimato estão mais presentes.

Referências Bibliográficas

Alencastro, Luiz Felipe de. Vida Privada E Ordem Privada No Império. In: Alencastro, Luiz Felipe de. (org.), (1998). História da Vida Privada no Brasil. Império: a Corte e a modernidade Nacional. São Paulo : Companhia das Letras.

Aries, Philipe. A história das mentalidades. In: Le Goff, Jacques. (1990). A História Nova. (dir.). São Paulo : Martins Fontes.

Barros, Maria Paes de. No tempo de Dantes. In: Moura, C.E. de (org.) (1998). Vida cotidiana em São Paulo no século XIX. São Paulo : Editora da UNESP.

Belchior, E.O.; Poyares, R. (1987) Pioneiros da hotelaria no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro : SENAC.

Brown, T.E.; Lefever, M.M. (1989) A 50-Year Renaissance: The Hotel industry From 1939 to 1989. Cornell Hotel and Restaurant Administration Quarterly , 31 (1), p.18-25, Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/001088049003100109>

Bowie, David. (2018). Innovation and 19th century hotel industry evolution, Tourism Management, v. 64, p. 314-323. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0261517717301966>

Campos, E.(2009). Os primeiros hotéis da cidade de São Paulo. Século XIX: Império e República. Informativo do Arquivo Histórico Municipal. São Paulo, Ano 4, n.24, maio/junho. Disponível em: <http://www.arquiamigos.org.br/info/info24/i-estudos.htm> .Acesso em:12/10/2023

Cavenaghi, A. J. (2011). Hotéis paulistanos: das razões da hospedagem urbana na cidade de São Paulo e as notícias em almanaques e memoriais do século XIX. Revista Turismo Em Análise, 22(1), 119-145. <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v22i1p119-145>

Dias, C. M. M. (2006). Marcos da hospitalidade na Cidade de São Paulo: amenidades e facilidades. Revista Turismo Em Análise, 17(2), 170-189. <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v17i2p170-189>

GIL, A. C (2008). Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas.

Lima, A. C. de. (1991). "Flats" e apart-hotéis em São Paulo. Revista Turismo Em Análise, 2(2), 65-71. <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v2i2p65-71>

Marques, A. (org.) (1857) Almanak administrativo, mercantil e industrial da Provincia de S. Paulo para o anno de 1858. 2º anno. S. Paulo: Typ. Imparcial de J. R. de Azevedo Marques.

Müller, D., Rosa Hallal, D., & Gomes Ramos, M. da graça. (2016). A História Dos Meios De Hospedagem No Brasil Nos Periódicos Científicos Brasileiros De Turismo. Revista Hospitalidade, 13(2), 304–320. Recuperado de <https://www.revhosp.org/hospitalidade/article/view/67>

Müller, D. (2021). Hotelaria no Rio Grande do Sul (1907-1940): uma análise a partir do Almanak Laemmert. Tempos Históricos, 25(1), 166–193. <https://doi.org/10.36449/rth.v25i1.23858>

Roberts, R. (1827) The house servant's directory : or (...). USA: Boston, Munroe and Francis. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20230127054841/https://d.lib.msu.edu/fa/43#page/1/mode/2up>

Santos, Carlos José Ferreira dos. (2003) Nem tudo era italiano. São Paulo e Pobreza (1890-1915). Selo Universidade, 2ª ed, São Paulo, Annablume, Fapesp.

Siqueira L. (2012). Os hotéis na cidade de São Paulo na primeira década do século XX: diversidade no tamanho, na localização e nos serviços. Revista Brasileira de História; 32(63):341–60. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-01882012000100016>

Walton, John K. Prospects in tourism history: Evolution, state of play and future developments, (2009). Tourism Management, Volume 30, Issue 6, p. 783-793. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0261517709001083>

Walton. John K. (2004). O negócio da hospitalidade: uma história social. In. Lashley, C; Morrison, A. Em busca da hospitalidade. Perspectivas para o mundo globalizado. Barueri-SP : Manole.

Fomento

Este projeto é resultado da Bolsa de Pesquisa Edital 60/2024 concedida pelo Instituto Anima.